Texto Digital, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 163-179, jul./dez. 2018.
https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p163

TEXTO DIGITAL
Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

A história do Duo Pantharei: em memória de Wilton

Sérgio R. Basbaum[a]

a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil – sbasbaum@gmail.com

INTRODUÇÃO

Fig. 1 – Cine Teatro Martinez-Montañes, Alcalá Lá Real, 19/05/2018 (foto de Rita Varlesi)

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Em julho de 2016, faleceu meu amigo, o poeta, músico, designer, vídeo-artista, pioneiro da poesia digital no Brasil, o multimídia Wilton Azevedo. Durante os anos de 2012 a 2015, Wilton e eu trabalhamos juntos incontáveis horas, em sessões de improvisação com sons e imagens às quais nomeamos "Pantharei" – palavra grega que significa "tudo flui". Como Duo Pantharei, performamos e gravamos literalmente dezenas de horas de criação, por vezes simplesmente sônica, por vezes audiovisual, com resultados com os quais nunca deixamos de nos surpreender. Juntos, fizemos concertos, uma exposição multimidiática, performances audiovisuais. Por meio da jornada Pantharei, e toda a paixão criativa posta em movimento ali, eu abri, e aprendi a habitar, todo um universo sônico novo, com uma incomum guitarra *fretless* e um crescente conjunto de efeitos. Esse novo território me permitiu reunir numa única prática, pela primeira vez, uma vida criativa e de pesquisa dedicada à música e ao cinema, à arte e, por fim, à sinestesia – uma unidade que por quase duas décadas me parecia improvável, e cujas possibilidades teóricas e criativas venho amadurecendo desde então. A última vez que Wilton e eu tocamos juntos foi no *V Congresso Internacional de Sinestesia, Ciencia y Arte*, em Alcalá la Real, na Espanha, em 2015, ao lado de Dino Vicente e Rodrigo Gontijo. Em 2018, de volta a Alcalá La Real, e convidado a performar novamente, apresentei uma performance batizada *In the memory of Wilton*, performando sobre alguns vídeos clássicos da tradição da Visual Music, alternando as passagens explicitamente performáticas com trechos de nossa trajetória. Cá, como lá, o mais importante é registrar esse percurso, e prestar uma homenagem ao talento, ao artista e ao ser humano Wilton Azevedo, e ao incrível trabalho que fizemos juntos. Tanto ao escrever o texto lido na performance, embrião deste artigo, como ao fazê-la, emocionei-me bastante. É essa emoção que gostaria de capturar novamente aqui. Afinal, porque o conhecimento deveria estar restrito às discussões formais, racionais e objetivas? Especialmente, quando se presta homenagem a um grande artista e grande amigo.

EMBRIAGUEZ E PENSAMENTO

> *"(...) à luz associa-se, como é óbvio, a lucidez, a clareza, a clarividência na forma de pensar. O facto de o pensamento configurar-se sob o império da luz, do visível, exclui formas de pensar não lucidas, não claras, não evidentes; formas de pensar onde domina a confusão, o desregramento, a embriaguez. O que seria um pensamento desregrado? E, o que será um pensamento regrado? O que é um pensamento confuso? E, será que o real se submete, na sua totalidade, a este desejo voraz de não-confusão, de clareza, de visibilidade?" (Ceitil, 2001:38)*

Durante os anos de 2010 a 2013, o diretor teatral Ricardo Karman promoveu e manteve um sarau mensal de poesia, aproveitando um dos cenários de seu premiado espetáculo de teatro infantil interativo *O ilha do Tesouro* (assim mesmo: "O" ilha...), o espaço de uma taverna ou estalagem do século XVI-XVII – ou aquilo que, no nosso imaginário formado pelo cinema americano, teria sido uma taverna da era da pirataria romântica. Nesse espaço de fantasia, o sarau *Noites na Taverna* manteve um grupo de participantes surpreendentemente estável durante seus quatro anos, e era, para seus participantes, um verdadeiro oásis em meio ao corre-corre da vida paulistana. Foi numa dessas noites de leituras poéticas & música, em outubro de 2012, que, embora já nos conhecêssemos de nome, encontrei Wilton Azevedo pela primeira vez. Não nos falamos muito aquela noite. Entretanto, no dia seguinte, nos encontramos novamente, por acaso, num lobby de hotel, em Florianópolis, onde éramos ambos convidados do *I Simpósio Internacional de Literatura e Informática*, na UFSC. Lá, na companhia de seu amigo e parceiro Alckmar Santos, tivemos uma noite insana, quase histérica, de riso interminável. Com Wilton e Alckmar, e por vezes eu mesmo, contando uma coleção inesgotável de piadas, uma após outra, fomos da universidade para o carro, do carro para o restaurante, do restaurante a um bar, numa balada hilariante interminável. Conosco estava uma professora bastante conhecida: achávamos que ela teria mijado nas calcinhas de tanto rir! Essa vocação para a vida boêmia, onde Wilton era incansável, cantando canções, piadas, abraçando brincadeiras diversas, e celebrando a vida, era um de seus dons mais notáveis. Sempre seria o último a se cansar. O que, dadas as suas limitações físicas, ninguém esperaria. E, por isso mesmo, essa alegria tornava-se ainda mais notável. Não saberia dizer se algum outro artigo nesta coletânea preocupou-se em capturar esse traço tão singular da sua personalidade, mas nenhum retrato de sua vida artística e acadêmica estaria completo sem que seja registrado o seu amor desmedido pela vida e sua capacidade realmente extraordinária de divertir-se, e a todos a seu redor, noite adentro – o que fazia dele uma pessoa tão especial no convívio. Difícil descrevê-lo sem recorrer a adjetivos superlativos.

De qualquer modo, foi naquela noite, em Florianópolis, que falamos sobre nos encontrarmos em São Paulo para fazer um pouco de música experimental. E assim foi: uma ou duas semanas depois, nos encontramos para tocar juntos, no estúdio que ele havia organizado no apartamento dele e de Rita Varlesi. Foi um encontro mágico, e o início de uma amizade inesquecível. A partir daquele encontro, passamos muitas e muitas noites, às vezes nós dois trabalhando, às vezes com sua amada Rita, com amigos diversos, e até nossos filhos.

Simplesmente falando da vida, da arte, fazendo música e vídeo. Tempos felizes, de celebração da vida e da criatividade. E de descobertas artísticas extraordinárias.

Dessa primeira fase, de embriaguez artística, em que nos espantávamos com as sessões de 30, 40 minutos de improvisação de música eletrônica & vídeo, chegamos ao nome "Pantharei", retirado das leituras que eu vinha fazendo dos trabalhos do neurocientista húngaro Gyorgy Buzsaki, para quem os ritmos do cérebro (os padrões oscilatórios gerados pelas assembleias sinápticas) são o aspecto mais decisivo da nossa capacidade adaptativa de calibrar nossas possibilidades cognitivas ao mundo. (Um registro interessante dessa primeira etapa está em https://www.youtube.com/watch?v=7lXwRkRwE8I). O que parecia a qualidade mais decisiva do trabalho, naquele momento, era a opção clara por esse caráter abertamente exploratório e improvisativo. Foram sendo acrescentados aos nossos *setups* novos equipamentos, pedais, instrumentos de música eletrônica, e o único compromisso era o diálogo sonoro, acompanhado, ou não, por soluções videográficas, sensíveis ou não a parâmetros do som; um diálogo aberto ao erro, fundado na entrega à performance e sem qualquer restrição de nenhuma das partes. Daí os *mandamentos* do Pantharei, a um só tempo irônicos, poéticos e fundantes, que combinavam os elementos formais de nosso processo a pontos de nossas pesquisas individuais e ao êxtase sinestésico que resultava da química da parceria:

OS DEZ MANDAMENTOS DO DUO PANTHAREI

1. Não repetirás
2. Não combinarás
3. Não reprimirás
4. Sintetizarás
5. Imaginarás
6. Poetizarás
7. Performarás
8. verouvirás
9. ouvirverás
10. osgasmarás

Fig. 2 – Basbaum & Azevedo, Pantharei em ação, 2013.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uyjPn0YQxgs

DOS MANDAMENTOS AO PAÇO DAS ARTES: COMPOSIÇÃO EM TEMPO-REAL

> *"Real-time is the perpetual now. It is the only aspect of time we know for certain. It is the result of the intersection of an infinitude of expanding-contracting space-time spheres that create the space-time fabric. Momentum is related to the realization of the perpetual now (...)"*
> *"We live in a time of unprecedent technological, sociological and ecological complexity. A primary challenge for today's artist is to present an integrated view of that complexity" (Pellegrino, 1983: 207-8)*
> *"(...) Beyond all hierarchies, the putting into practice of anarchy on a ludic scale is one of the fundamental teachings conveyed by the modus operandi of John Cage. (...)" (Bosseur, 1993: 121)*

Durante o ano de 2013, o Duo Pantharei trabalhou intensamente. Os encontros eram praticamente semanais, e dezenas de horas de música improvisada foram produzidas, divulgadas em nossas páginas no *facebook*, e no *soundcloud.com* do Duo. Semanalmente, após as longas sessões de improvisação, Wilton selecionava os trechos criativos mais interessantes, mixava e fazia o *upload* para a nuvem, para compartilharmos nas nossas redes. Fomos criando um público surpreendente, a partir das nossas teias de contatos locais. Ao mesmo tempo, íamos apresentando o trabalho a amigos, nas noites de performance, aos fins de semana. Muitas pessoas passaram por essas noitadas, e – certamente esquecendo diversos nomes -- estiveram lá muitas vezes o professor e poeta Alckmar Santos, o professor Cristiano

de Salles, o fotógrafo e professor Angelo Dimitre, o produtor musical Luciano Giammarusti Watase, a neurocientista Roberta Cysneros, a professora Dalva Lobo, o músico Emanuel Pimenta, além das nossas famílias e muitas outras pessoas interessantes, que iam até lá nos verouvir, e ajudaram a alimentar a confiança no trabalho nessa primeira fase. Foram momentos de grande alegria criativa e criação de música em tempo real, acontecendo com a nossa energia e a daqueles que vinham ver o trabalho. Até onde a minha memória acompanha, a primeira saída oficial do Duo Pantharei foi para uma apresentação no espaço cultural que a Editora Intermeios buscava estabelecer, em sua sede em Pinheiros, em São Paulo, em junho de 2013.

Fig. 3 – Duo Pantharei. Espaço Cultural Intermeios, São Paulo, junho de 2013 (foto de Rita Varlesi)

A boa recepção do trabalho, o aprofundamento da química da composição em tempo-real, o modo como o Pantharei nos permitia conectar conceitualmente diferentes facetas de nossas pesquisas estéticas, nos levaram a buscar uma oportunidade de apresentação capaz de capturar toda a complexidade criativa e a energia artística que o conceito catalisava, o que resultou, eventualmente, num convite da curadora Priscila Arantes, para realizarmos uma exposição

conjunta, acompanhada de alguns dias de performances, na antiga sede do Paço das Artes, no campus da Universidade de São Paulo. No Paço das Artes, em novembro de 2013, expusemos poemas, vídeos, e realizamos três performances reunindo imagens e sons. Numa das performances, Alckmar Santos apresentou trechos do seu poema *O cosmonauta*, cuja extensão multimidiática vinha desenvolvendo em parceira com Wilton. Alguns registros da temporada no Paço das Artes podem ser encontrados no youtube: https://www.youtube.com/watch?v=g4WcKwWKSRM&t=187s.

Estávamos surfando, sem dúvida, numa aventura multimidiática de inspiração cageana:

> *"If doubt reigns over the definition of Cage's activities – and the possibility of any definition – it nonetheless remains clearly affirmed that each experience is to be assumed in its autonomy, in full knowledge of its specifical functional rules, whether those of writing, listening, playing, looking or reading. No experience can take precedence over another: they are all, I a certain way, irreducible." (Bousseur, 1993: 121)*

E, ainda assim, preservadas as especificidades das nossas diferentes práticas criativas, aquilo que se poderia chamar de *espaço Pantharei*, no Paço das Artes, reunindo as variadas formas reflexivas e expressivas que ali dialogavam uma com as outras, propunha uma experiência totalmente integrada, um sistema estético em que palavras, sons, imagens, e a criação em tempo real, se ressignificavam e redefiniam incessantemente, durante a semana de duração da exposição.

Fig. 4 – Duo Pantharei em performance audiovisual no Paço das Artes, São Paulo, novembro de 2013.

TRILHAS SONORAS, DVD, LIVE CINE

No início de 2014, fui procurado pelo documentarista e cineasta experimental Rodrigo Gontijo, para que fizesse a trilha sonora de seu documentário *Sons da Penha – Notas de um bairro*. Como o processo criativo do *Pantharei* estava, nesse momento, em seu pleno estágio de *flow*, convidei Wilton para compormos juntos a música extra-diegética do trabalho. Dos inúmeros momentos em que testemunhei a intuição musical de Wilton Azevedo, talvez esse tenha sido o mais extraordinário. Wilton não era um músico com *background* formal: não havia estudado especialmente contraponto, harmonia ou composição; mas possuía um sentido de harmonia, timbre e ritmo extraordinários. Nas performances, boa parte das sonoridades acabava girando em tornos de contextos modais ou polimodais, flutuando em torno de *loops* rítmicos – ou, algumas vezes, de notas-pedais sobre as quais se podia erguer construções sonoras – combinados a caminhos de *noise-music*. Para a trilha de *Sons da Penha...*, composta e gravada dentro do processo improvisativo do Pantharei, surgiram caminhos harmônicos complexos, e sonoridades muito mais próximas do gênero *trilha-de-cinema*, um tipo de composição que, regra geral, exige de seus compositores um exercício meticuloso de criação e gravação, por vezes até – dependendo do caso – algum tempo de trabalho para que se chegue aos melhores resultados. Naquele momento, porém, no estágio de super-aquecimento dos processos criativos do Pantharei, a trilha foi composta em uma tarde de improvisação, e posteriormente finalizada no estúdio do sintesista e compositor Dino Vicente. O trabalho com os *Sons da Penha* trouxe à rede do Duo Pantharei a contribuição de Rodrigo Gontijo.

Em março de 2014, jantamos com e performamos para o produtor musical Dudão Mello, que havia trabalhado na gravadora Trama e conhecia bem o mercado musical. Queríamos ouvir a sua opinião sobre a nossa viagem criativa, e saber se ele achava que aquilo que vínhamos fazendo, uma vez adequadamente embalado, teria algum tipo de circuito no mercado de música eletrônica. Depois de alguns comentários positivos e sugestões, a sua recomendação foi que fizéssemos um DVD, que nos permitiria, claro, dispor de um cartão de visitas do trabalho performático do Pantharei. Ao mesmo, tempo, havia o *V Congresso de Sinestesia Ciencia y Arte*, organizado pela Fundación Internacional Artecittá, e que ocorreria em 2015, mas já fazia a sua chamada de trabalhos. O encontro da Artecittá, do qual eu já participara algumas vezes, possuía uma curadoria de trabalhos de Visual-Music, e me parecia uma bela oportunidade de colocar o Pantharei num circuito internacional. Em contato com a Profa. Maria José de Córdoba, da Universidad de Granada, organizadora do evento, obtive a mesma

resposta: “vocês precisam nos mandar vídeos do trabalho”. Natural, era preciso mostrar do que se tratava o Duo Pantharei. Não havia outra alternativa senão produzir um DVD.

Naquele momento, por coincidência, minha ex-aluna, a atriz Luana Menegon e um grupo de amigxs, desejavam transformar uma casa no Pacaembú, que havia sido sede de uma grande produtora de vídeo, num pequeno centro cultural. O projeto, batizado de *Búfalo D´água* durou alguns meses, entre festas com música ao vivo, exposições, bazares e alguns eventos. Esse período foi o suficiente para que, aproveitando o espaço do estúdio de vídeo, e com apoio do editor Filipe Moreau, produzíssemos um DVD, com três performances de duração média (#1: 14’55”; #2: 18’55”; #3: 24’05”) com Wilton, eu e a participação de Gontijo – incorporado ao grupo após o êxito da colaboração nos *Sons da Penha....* Gravado com algumas câmeras, e áudio direto, o DVD contém, além das performances, registros dos ensaios, e entrevistas com os membros do, agora, Pantharei. Era aniversário do Wilton, 10 de maio, e fizemos uma festa mágica, com o público contribuindo com uma *vibe* extremamente positiva, mais famílias e amigos. Talvez essas performances sejam o melhor registro do que foi o ciclo do Pantharei:

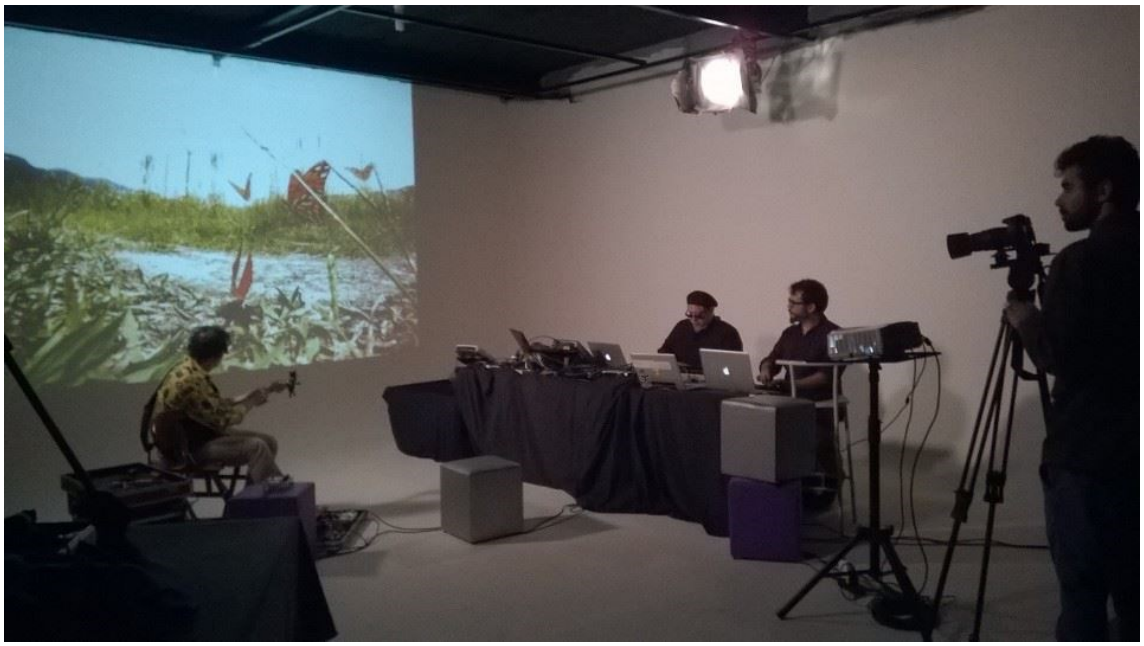
Fig. 5 – *e-flyer* do Pantharei no Bufalo D’Água

#1: https://www.youtube.com/watch?v=dqV1fT6FbAc&t=3s

#2: https://www.youtube.com/watch?v=4SJtTyi-5Uw

#3: https://www.youtube.com/watch?v=fhTHqNWEDDU&t=5s

Fig. 6 – gravação do DVD: da esquerda para a direita: Basbaum, Azevedo, Gontijo. Foto: Tereza Loparic



O êxito da operação de produção do DVD deu ao grupo a confiança na formação em trio, e, no segundo semestre do 2014, o Pantharei foi convidado a se apresentar no festival *Live Cine*, organizado por Luis Duwa, no Rio de Janeiro, um dos eventos mais importantes do circuito de cinema ao vivo no país, naquele momento. Para a apresentação decidimos fazer a performance *Futu Manu*, sobre as imagens que Gontijo fizera quando realizou o premiado documentário *O escasso ar de uma ilha*, no Timor Leste, em 2005. O *futu manu*, a briga-de-galo, funcionava, na cultura do Timor, como uma espécie de catarse coletiva de um ambiente de enorme violência e guerra civil, colocando novas questões formais à performance: em primeiro lugar, tratava-se não simplesmente de fazer cinema ao vivo, mas de fazer um documentário ao vivo, um *live-doc*; e, além do peso semântico que o referente da realidade agrega ao sentido da performance, a questão da violência que as imagens carregavam nos colocou diante do desafio ético de não banalizar, no *flow* estético performativo, a dimensão da violência capturada no contexto em que se deram as imagens. Além do caráter documental, o tema da briga-de-galo também nos permitia relacionar a performance aos primeiros filmes para kinetoscópio de Thomas Edison, que também filmara brigas-de-galo em 1986 – uma época em que o cinema ainda não era narrativo, não praticava a montagem, e era, no kinetoscópio, *performado* pelo espectador (assim como, poucos anos mais tarde, já na era dos Lumiére, seria, no início, performado pelo projecionista). Assim, *Futu Manu*, performado pelo Pantharei na edição de 2014 do Live Cine, foi uma performance de cinema ao vivo extremamente sofisticada, envolvendo aspectos metalinguísticos e estéticos bastante singulares, sendo um momento formalmente único na jornada do Pantharei.

Fig. 7 – Pantharei performando Futu-Manu: Live-Cine, outubro de 2014

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3JfJf6K8Aic

Fig. 8 – Wilton Azevedo performando Futu Manu com o Pantharei, no Live Cine, 2014

ÚLTIMA FASE: SUÍTE DES3MOTEMPO, ALCALÁ LA REAL

Apesar da recepção bastante positiva, e da curva estética ascendente vivida pelo trabalho, o processo em trio, porém, não perdurou: após o Live Cine, Gontijo afastou-se dos ensaios, tragado por outros compromissos profissionais, enquanto eu e Wilton permanecemos

pesquisando juntos as possibilidades do nosso processo improvisativo. A sede dos ensaios foi transferida para um novo estúdio, que Wilton montara na Alameda Barros, próximo ao seu apartamento, e lá nos encontrávamos semanalmente, para testar caminhos e muitas vezes receber convidados, para os quais íamos mostrando os nossos resultados. Enquanto isso, da Espanha vinha uma recepção positiva ao trabalho, e começávamos a planejar a possibilidade de nos apresentarmos no congresso de Alcalá.

No início de 2015, fomos surpreendidos com um convite do compositor e curador Lívio Tragtenberg para participarmos de uma sequência de concertos, no Sesc-Vila Mariana, em São Paulo, em homenagem ao compositor suíço-baiano, inventor de instrumentos e um dos vértices da potência inovadora da Faculdade de Música da Universidade Federal da Bahia, nos anos 1950-60, o genial Walter Smetack. O evento, chamado *SMETRACK* reuniu um conjunto de compositores de música improvisada bastante relevante, e mostra o prestígio que o Pantharei conseguira angariar na sua trajetória. Como Wilton estava em férias com a família no México, trocamos dezenas de e-mails e mensagens para decidir o que proporíamos. Apaixonados pelo jogo com as palavras, chamamos à proposta *Suíte Des3motempo*.

Nos meses entre a preparação da nossa participação em SMETRACK, nos perdemos. Por qualquer razão, como se dá com todas as parcerias, nossa conexão se rompeu. *Suíte Des3motempo* foi nossa última performance como um duo, enquanto atravessávamos momentos de desentendimentos extremamente penosos, que resultaram na necessidade de convidar, para a performance em Alcalá la Real, em maio de 2015, Dino Vicente e Rodrigo Gontijo, com os quais posteriormente constituí o coletivo [:a.cinema:], para dar continuidade à história que Wilton me permitira iniciar. Como a vida não admite que uma história criativa tão bela como a que havíamos desenvolvido se perdesse em bobagens, combinamos que performaríamos todos juntos em Alcalá La Real, sob o nome de Pantharei. Assim, fizemos uma performance em três movimentos, com dois trios (Wilton, Rodrigo e eu; Dino, Rodrigo e eu) e um quarteto com todos juntos. O concerto foi extremamente aplaudido, e demos até um bis, com os quatro no palco, novamente. O fotógrafo e professor Angelo Dimitre fez incríveis fotografias deste concerto. Vendemos, inclusive, muitas cópias do DVD feito no Búfalo D'água, para colegas europeus emocionados. Foi a última vez que eu e Wilton performamos juntos.

O *V Congresso de Sinestesia, Ciencia y Arte* em Alcalá La Real, foi inesquecível: nos dias ensolarados da Andaluzia, em uma cidade pequena, com comida maravilhosa, vinhos espanhóis, colegas e sinestetas de diversos países da Europa, dos Estados Unidos, da China, numa atmosfera de grande camaradagem, pude pela última vez apreciar as qualidades mais incríveis de Wilton: nas noites quentes e estreladas da Andaluzia, comendo todos juntos, contando piadas, fazendo brincadeiras, tocando e cantando canções ao violão, performando seu infinito amor à vida, Wilton Azevedo deixou sua marca indelével na comunidade da pesquisa em sinestesia na Europa. Ninguém lá o esqueceu.

Fig. 9 – Wilton Azevedo performando em Alcalá La Real. V Congresso Internacional de Sinestesia Ciência y Arte, 2015. Foto: Angelo Dimitre

Fig. 10 – performando em Alcalá la Real, 2015: Dino Vicente, Sérgio Basbaum, Rodrigo Gontijo. Foto: Angelo Dimitre.

Fig. 11 – In the memory of Wilton, 2018. Foto: Rita Varlesi

CONCLUSÃO: O AGRADECIMENTO PELA JORNADA

Eu poderia falar muito longamente sobre esses momentos mágicos de criação, mas nunca há tempo suficiente. Mais ainda, aquilo que fizemos juntos merecerá, talvez, e no seu tempo, um relato mais formal, para localizar os sintagmas e as formas mais relevantes que os registros do Pantharei deixaram. Nos HDs ainda não reabertos de Wilton, dezenas de horas de música improvisada, que pensávamos mixar e finalizar para um, ou vários, CDs, ou mesmo um livro com textos nossos e um CD, aguardam, na velocidade dos nossos dias, uma oportunidade de serem reabertos. Com a sua partida, esses projetos permaneceram irrealizados, e, naquilo que se tornou a nossa vida, num país extremamente turbulento, é difícil saber quando será possível olharmos esse material. Eu gostaria apenas de lembrar, e de registrar, o grande privilégio que foi trabalhar com Wilton Azevedo. Depois que encerramos o Duo Pantharei, continuei a fazer peformances audiovisuais com outros amigos -- especialmente, hoje, o trio [:a.cinema:] -- com grandes resultados. Acredito que esse trabalho não existiria, não fosse o Duo Pantharei, e os momentos de celebração da vida e da criatividade que vivi nesse ciclo. Apesar de não ter propriamente uma formação como músico, Wilton tinha enorme repertório de referências estéticas, e sua intuição e sua integração com seu equipamento, sua presença, eram únicos. Uma energia extraordinária, algo que somente aqueles que o conheceram podem realmente saber do que se tratava. Para mim, o mais importante, o mais singular, é que *Wilton parecia não ter superego*. Era puro desejo, e isso, acredito, é o que liberava tanta energia, tanto fluxo criativo. E não é fácil viver a criatividade acoplado a aparelhos: a criatividade ciborgue costuma cobrar um preço alto; em geral, aparelhos ditam regras bastante austeras. Então, estávamos ali, dois artistas um pouco loucos, explorando o mundo de sons e imagens, sem qualquer medo de fazer música estranha ou arte desconfortável; simplesmente deixando as coisas acontecerem, sem qualquer script, roteiro ou partitura: o que havia era somente o acontecimento da criatividade e o amor pela música, pela poesia, pelo vídeo e pela arte. Aprendi muito. E nos divertimos demais. Sinto-me extremamente lisonjeado pela vida pela oportunidade de ter vivido essa jornada, e por poder honrar, aqui, a sua memória. Várias vezes, ao escrever esse texto, emocionei-me. Isto me deu a certeza de estar no caminho certo: porque é disso que a verdadeira vida é feita. Obrigado, Wilton Azevedo. Que você esteja bem, onde estiver.

sb, São Paulo, outubro, 2018

REFERÊNCIAS:

CEITIL, Maria João. Uma história aromática em Bagdade. *In*: **Phainomenon** – revista de fenomenologia do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, n. 2, Lisboa, Edições Colibri, 2001.

BOSSEUR, Jean-Yves. (Org.). **Sound and the visual arts**. Paris: Dis Voir, 1993.

PELLEGRINO, Ronald. **The electronic arts of sound and light**. New York: Van Nostrand, 1983.

Links do youtube checados em 30/10/2018